

Resenha do livro HOFHEINZ, Marco; FUCHS, Monika E. (Hrsg.). *Theologie im Konzert der Wissenschaften*. Stuttgart: Verlag W. Kohlhammer, 2018, 281p.

Introdução

Propõe-se, aqui, uma resenha crítica do livro organizado por Marco Hofheinz e Monika E. Fuchs, intitulado *Theologie im Konzert der Wissenschaften* (Teologia no concerto das ciências), publicado em 2018 pela Verlag W. Kohlhammer, ainda sem tradução para o Português. Como já foi observado em outra oportunidade, quando da resenha (Brey, 2023) do volume *Heiliger Raum: Exegese und Rezeption der Heiligtumstexte in Ex 24-40* (Espaço Sagrado: Exegese e recepção dos textos do Santuário em Ex 24-40) (Hopf; Oswald; Seiler, 2016), ambos os livros provêm da mesma fonte editorial e partilham um modelo acadêmico semelhante, pois se originam de eventos científicos de caráter comemorativo (um colóquio internacional no caso de *Heiliger Raum*, e um simpósio e uma *Ringvorlesung* no caso de *Theologie im Konzert*), e se estruturam como coletâneas organizadas em blocos temáticos. Esses blocos visam não apenas documentar debates interdisciplinares, mas também oferecer ao público acadêmico um conjunto de estudos exemplares sobre o modo como a teologia se relaciona com outras áreas do saber. Outrossim, há de se dizer que cada livro se ancora em uma metáfora central que funciona como chave hermenêutica do projeto: se, no primeiro caso, o “espaço sagrado” (*Heiliger Raum*) fornecia a imagem condutora para pensar as múltiplas recepções e interpretações do tabernáculo exodal, neste segundo caso é o “concerto” (*Konzert*) das ciências que serve de emblema e horizonte, sugerindo uma sinfonia de vozes acadêmicas nas quais a teologia é chamada a participar, não como solista hegemônica, tampouco como mera figurante, mas como instrumento que contribui para a harmonia geral sem abdicar da especificidade de sua sonoridade própria.

Os organizadores

Os responsáveis pela organização do volume são dois docentes da Leibniz Universität Hannover, cujas trajetórias acadêmicas exemplificam, em si mesmas, a vocação interdisciplinar que o livro pretende encenar. Marco Hofheinz é doutor em teologia, professor de Teologia Sistemática, com ênfase em teologia pública, política e ética social, além de pesquisador engajado em debates sobre religião no espaço plural contemporâneo; Monika E. Fuchs é doutora em teologia, professora de Pedagogia Religiosa, com estudos sobre educação, religião e interculturalidade. Ambos assinam a introdução do livro, *Einleitung: Theologie im Konzert der Wissenschaften* (Introdução: Teologia no concerto das ciências), na qual expõem os pressupostos que justificam a obra, a saber, a recorrente problematização da cientificidade da teologia na universidade moderna, tanto a partir de críticas externas (vindas de positivismo, empirismo e correntes filosóficas analíticas) quanto internas (fundamental-teológicas). Relembra-se, nesse contexto, o longo percurso que levou a teologia, outrora “rainha das ciências”, a uma posição de disciplina “tolerada”, constantemente convocada a justificar sua presença no espaço universitário. A introdução percorre, nesse sentido, referências obrigatórias, de Tomás de Aquino a Schleiermacher, passando por Kant, Barth e Tillich, até chegar à crítica do cientificismo no século XX (Popper, Habermas). Ao final, os organizadores explicam que o volume se articula em duas grandes seções, que correspondem aos dois eventos acadêmicos realizados em 2017 na Universidade de Hannover: o simpósio de abril, no qual teólogos e representantes de outras disciplinas formaram duplas de diálogo, e a *Ringvorlesung* do semestre de verão, em que pesquisadores com dupla formação ou vocação interdisciplinar apresentaram reflexões pessoais.

A obra

A primeira parte do volume, intitulada *Interdisziplinäre Dialogkonstellation: Tandembeiträge des Symposiums* (Configuração de diálogo interdisciplinar: contribuições em duplas do simpósio), reúne quatro

estudos nos quais a teologia se põe em relação direta com outras áreas do saber por meio de uma dinâmica de “tandem”:

(1) Annette Antoine e Friedrich Johansen apresentam o capítulo *Hiob im Dialog mit Faust und Franz Biberkopf. Ein theologisch-literaturwissenschaftliches Gespräch* (Jó em diálogo com Fausto e Franz Biberkopf. Uma conversa teológico-literária), no qual o livro bíblico de Jó é colocado em confronto com duas grandes obras da literatura moderna - o *Fausto* de Goethe e *Berlin Alexanderplatz* de Alfred Döblin -, explorando as múltiplas formas de recepção e ressignificação do motivo do sofrimento, da injustiça e da fidelidade a Deus em contextos seculares e narrativas artísticas.

(2) Kai-Ole Eberhardt e Michael Rothmann contribuem com o estudo *Wundern - Glauben - Wissen: Theologie und Geschichtswissenschaft im Gespräch über das Wunder in der Welt* (Milagre - fé - saber: teologia e ciência histórica em diálogo sobre o milagre no mundo), no qual discutem a categoria do milagre, de suas formulações medievais, passando pela recepção reformada, até as tentativas contemporâneas de pensar o extraordinário num mundo desencantado, mostrando como o conceito se desloca entre teologia e historiografia.

(3) Monika E. Fuchs e Steffi Robak oferecem a contribuição *Bild(ungs)interessen im Spiegel neuer Ambivalenzen. Theologie und Bildungswissenschaft im Gespräch* (Interesses da educação à luz de novas ambivalências. Teologia e ciências da educação em diálogo), na qual se analisa como as demandas atuais da formação humana, atravessadas por tensões culturais, pluralismo religioso e novos desafios pedagógicos, exigem da teologia uma interlocução com a pedagogia e as ciências da educação, em busca de uma abordagem crítica e construtiva.

(4) Finalmente, Marco Hofheinz, inspirado pelo trabalho de Alfred O. Effenberg, apresenta o ensaio *Cristo y Cristiano, oder: Von der Menschwerdung des Fußballgotts Ronaldo. Ein profanes Gleichnis* (Cristo e cristão, ou: da encarnação do deus do futebol Ronaldo. Uma parábola profana), no qual a figura do jogador Cristiano Ronaldo é interpretada como metáfora secularizada da expectativa messiânica, um exemplo de como símbolos religiosos podem ser transpostos ao universo do esporte e da cultura de massas.

A segunda parte do volume, intitulada *Personal-interdisziplinäre Konstellation: Beiträge der Ringvorlesung* (Configuração pessoal-interdisciplinar: contribuições da aula inaugural), reúne sete textos apresentados por pesquisadores que, cada qual a seu modo, conjugam dupla formação ou prática interdisciplinar:

(1) Axel Siegemund abre a seção com *Umwelttechnik - eine apokalyptische Praxis?* (Tecnologia ambiental - uma prática apocalíptica?), em que relaciona teologia e tecnologia ambiental, levantando a hipótese de que certas práticas técnicas podem ser lidas como antecipações ou sintomas de visões apocalípticas. (2) Peter Antes, no capítulo *Theologie und Religionswissenschaft oder „Wer nur eine Religion kennt, kennt keine.“* (Teologia e ciência da religião ou “Quem conhece apenas uma religião não conhece nenhuma”), retoma a clássica máxima de Max Müller, ressaltando a necessidade de a teologia dialogar com as ciências da religião num horizonte plural. (3) Carsten Jochum-Bortfeld apresenta *Die ‚Sache‘ des Textes - Systematische Theologie und Exegese im Gespräch* (A “questão” do texto - teologia sistemática e exegese em diálogo), propondo uma reflexão intrateológica sobre como a teologia sistemática e a exegese podem enriquecer-se mutuamente ao assumir a centralidade do texto bíblico. (4) Alexander Dietz contribui com *Theologie und Ökonomie - Zur aktuellen Debatte um die “moralischen Grenzen des Marktes”* (Teologia e economia - sobre o debate atual a respeito dos “limites morais do mercado”), no qual se analisa a interface entre ética teológica e economia política, com atenção especial ao problema da mercantilização de esferas da vida humana. (5) Jürgen Manemann, em *Von Gott reden angesichts des Anderen - Zur Bedeutung der praktischen Philosophie für die christliche Theologie* (Falar de Deus diante do outro - sobre o significado da filosofia prática para a teologia cristã), reflete sobre a alteridade como categoria central da teologia, em diálogo com a filosofia prática contemporânea. (6) Ralf Hoburg oferece o capítulo *Wahrnehmung als neues Prinzip dogmatischen Denkens. Das Lehrstück der Prolegomena im Diskurs zwischen Soziologie und Theologie* (Percepção como novo princípio do pensamento dogmático. A lição dos prolegômenos no discurso entre Sociologia e Teologia), propondo que a

categoria da percepção seja incorporada ao pensamento dogmático, em interlocução com aportes sociológicos. Por fim, (7) Thorsten Paprotny encerra a coletânea com “*Verleih deinem Knecht ein hörendes Herz [...]*” - *Denkwege zwischen Theologie und Philosophie* (“Concede ao teu servo um coração que saiba ouvir [...]” - caminhos de pensamento entre Teologia e Filosofia), explorando a relação entre teologia e filosofia a partir da oração de Salomão em 1Reis 3,9.

Considerações finais

O volume resulta, assim, de dois eventos acadêmicos realizados em Hannover em 2017, ambos organizados em homenagem ao professor Harry Noormann, decano da Faculdade de Filosofia e fundador do *Forschungsforum Religion im kulturellen Kontext*. A escolha da metáfora do “concerto” não é, portanto, fortuita: ela remete ao estilo acadêmico do próprio homenageado, que soube promover, em sua carreira, a convivência e o diálogo de disciplinas diversas, nunca como disputa de solistas, mas como orquestra de vozes que, quando harmonizadas, produzem uma sinfonia maior do que a soma de suas partes. Do ponto de vista crítico, *Theologie im Konzert der Wissenschaften* oferece uma contribuição relevante para o debate atual sobre o estatuto da teologia na universidade, pois demonstra, em sua própria configuração, que a teologia só se justifica hoje no horizonte de um diálogo aberto com as demais ciências, sem pretensão de domínio, mas igualmente sem abdicar da especificidade de seu discurso sobre o divino.

Assim, se em *Heiliger Raum* (Hopf; Oswald; Seiler, 2016) a metáfora do espaço permitia refletir sobre a construção, a recepção e a resignificação do tabernáculo exodal em contextos diversos, aqui, em *Theologie im Konzert*, a metáfora do concerto torna-se ocasião para pensar a própria universidade como espaço musical, onde a teologia, outrora regente soberana, reaprende a ser instrumento, ora em harmonia, ora em dissonância, mas sempre em diálogo. Publicado pela mesma editora, a W. Kohlhammer, o volume insere-se na tradição de obras que articulam erudição histórica, reflexão sistemática e abertura interdisciplinar, constituindo-se, portanto, como referência

indispensável para pesquisadores interessados não apenas no estatuto da teologia, mas também no futuro da universidade e das ciências em sua pluralidade.

Nesse ponto, torna-se possível ampliar a reflexão para além do campo da teologia, observando que o recurso à metáfora, enquanto modo de reconfigurar simbolicamente o lugar de um saber, encontra paralelos significativos em outras áreas do pensamento contemporâneo. Um exemplo notável é oferecido por Ilya Prigogine e Isabelle Stengers (1986), em sua obra, *La Nouvelle Alliance: métamorphose de la science* (*A nova aliança: metamorfose da ciência*), na qual as autoras propõem não apenas uma crítica radical à herança determinista da ciência newtoniana, mas também um novo modo de compreender a própria cientificidade, concebendo-a como saber em metamorfose, aberto ao tempo, à irreversibilidade e à contingência. Ali, a metáfora da “nova aliança” emerge como contraponto à figura do “novo Moisés”, isto é, à pretensão moderna de um saber absoluto que desceria do Sinai com as tábuas universais da lei científica. Ao invés desse cientificismo normativo, Prigogine e Stengers defendem uma ciência capaz de entrar em aliança com a experiência humana e com a pluralidade dos fenômenos, reconhecendo-se como parte de uma história compartilhada.

Essa inflexão na filosofia da ciência guarda, em proporções espelhadas, uma impressionante semelhança com o projeto apresentado em *Theologie im Konzert der Wissenschaften*. Pois, assim como a ciência, outrora soberana, viu-se compelida a relativizar sua autoridade epistemológica e a repensar sua função no conjunto dos saberes, também a teologia, outrora rainha das ciências, precisa hoje aprender a soar sua voz no concerto acadêmico sem hegemonia, consciente de que sua legitimidade não se sustenta mais em privilégios institucionais, mas na disposição para dialogar e oferecer ao debate comum sua contribuição própria. Nesse sentido, o paralelo entre a “nova aliança” da ciência e o “concerto” das ciências ilustra, de modo exemplar, um mesmo movimento epocal: a renúncia a um monopólio do saber e a abertura a uma polifonia de vozes, na qual cada disciplina se reposiciona em função da alteridade das demais.

Pode-se dizer, por fim, que tanto em Prigogine e Stengers quanto nos organizadores de *Theologie im Konzert der Wissenschaften* a metáfora desempenha função decisiva: ela não é ornamento retórico, mas condição de possibilidade para pensar a crise e a metamorfose do estatuto disciplinar. Se a ciência só pôde reencontrar-se ao imaginar uma “nova aliança”, e se a teologia só pode justificar sua permanência universitária ao integrar-se a um “concerto” de vozes, então a própria tarefa intelectual contemporânea parece depender desse labor metafórico, capaz de dar forma simbólica às transformações institucionais e epistemológicas. É nesse horizonte que a obra aqui resenhada se revela não apenas como contribuição pontual ao debate teológico, mas como parte de um movimento maior de reconfiguração dos saberes, no qual a teologia, longe de permanecer isolada, encontra sua dignidade precisamente ao dialogar, entrelaçar-se e harmonizar-se com as demais ciências, sem perder, contudo, a timbragem singular de sua voz.

Nesse mesmo registro de reflexão, a análise de Paul Draper (2005) em *God, Science, and Naturalism* (Deus, ciência e naturalismo) acrescenta elementos decisivos para compreender o alcance e os limites do diálogo interdisciplinar. Ao distinguir entre “guerra”, “isolamento” e “integração” como modelos de relação entre ciência e religião, Draper mostra que a metáfora do *concerto* não deve ser confundida com um idílio sem tensões, mas antes corresponde ao que ele chama de integração crítica, na qual as disciplinas podem reconhecer conflitos evidenciais mesmo sem contradições lógicas diretas. Ao insistir que o naturalismo metodológico, em sua forma modesta, constitui um pressuposto quase inevitável da ciência contemporânea, Draper lembra que a harmonia polifônica pressupõe disciplina: cada instrumento toca segundo sua partitura própria, e a seção científica da orquestra, por razões indutivas robustas, privilegia explicações naturais, reservando apelos ao sobrenatural a circunstâncias-limite.

O que se confirma, portanto, é que a metáfora do concerto, tal como articulada por Hofheinz e Fuchs, encontra respaldo não apenas na tradição teológica de diálogo, mas também na reflexão filosófica contemporânea sobre a ciência, que, seja em Prigogine e Stengers, seja em Draper, reconhece a necessidade de repensar o estatuto dos saberes por meio de imagens

simbólicas capazes de expressar simultaneamente abertura e limitação. Assim, se a “nova aliança” recorda à ciência que ela não pode mais pretender ser um novo Moisés, portador solitário das tábuas do saber absoluto, e se o *concerto* recorda à teologia que ela já não é regente soberana, mas voz participante numa polifonia, a análise de Draper mostra que a partitura desse concerto requer ainda um rigor metodológico, capaz de acolher as dissonâncias e de preservar a integridade de cada disciplina. O livro *Theologie im Konzert der Wissenschaften* insere-se, por isso, numa rede de debates que ultrapassam as fronteiras da teologia, sinalizando que o futuro das ciências humanas e naturais depende menos da imposição de hegemonias e mais da capacidade de compor harmonias complexas, nas quais a diferença se torna condição da sinfonia.

Referências

BREY, Petterson. Heiliger Raum: Exegese und Rezeption der Heiligtumstexte in Ex 24-40, *Pesquisas em Teologia*, (PUC-Rio), v. 6, n. 12, p. 370-374 jul./dez. 2023. Disponível em: <[Heiliger Raum: Exegese und Rezeption der Heiligtumstexte in Ex 24-40 | Pesquisas em Teologia](#)>. Acesso em: 05 set. 2025.

DRAPER, Paul. “God, Science, and Naturalism.” In: WAINWRIGHT, William J. (Ed.). *The Oxford Handbook of Philosophy of Religion*. New York: Oxford University Press, 2005, p. 272-303.

HOPF, Matthias; OSWALD, Wolfgang; SEILER, Stefan (Hrsg.). *Heiliger Raum: Exegese und Rezeption der Heiligtumstexte in Ex 24-40*. (Theologische Akzente - Band 8). Stuttgart: Verlag W. Kohlhammer, 2016.

PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. *La Nouvelle Alliance: métamorphose de la science*. Paris: Folio, 1986.

Petterson Brey

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) -Brasil

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Pós-Doutorando em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Fronteiras, Recife, v. 8, n. 2, p. 497-505, jul./dez., 2025

(PUC-SP); Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP); Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Especialista (Lato-Sensu) em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); Especialista (Lato-Sensu) em Cinema e Linguagem Audiovisual pela Universidade Municipal de São Caetano do SUL (USCS); Professor de Teologia no Laboratório de Teologia, Espiritualidade e Mística (LabTEM); Membro do Grupo de Pesquisa TIAT (Tradução e Interpretação do Antigo Testamento) CNPq da PUC-SP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1214-3976>. E-mail: pettersombrey@gmail.com